

A Identidade Cultural de Macau no Pensamento de Benjamim Videira Pires, S. J.

ANTÓNIO ARESTA*

In Honorem

D. Arquimínio Rodrigues da Costa

Cónego Dino Parra

Padre Henrique Rios dos Santos, S. J.

Padre Luís Sequeira, S. J.

Padre Tomás Bettencourt Cardoso

Luís Gonzaga Gomes fixou na sua *Bibliografia Macaense*,¹ publicada em 1973, uma boa parte do labor histórico, literário, jornalístico e religioso de Benjamim Videira Pires,² um discreto e valoroso jesuíta que tinha aportado a Macau em Janeiro de 1949, destinado às lides eclesiais,³ à missão e, por extensão, ao ensino.⁴ Por aí se avalia o seu notável trabalho intelectual e como dizia David Mourão-Ferreira, construído nos ócios do ofício, solitariamente, com escassos apoios ou recursos. De resto, 1949 foi um ano charneira para a China que se transformará em República Popular da China. A emergência e a disseminação da ideologia comunista, nas cinzas da guerra civil, conduzirá à ruptura e ao corte das relações diplomáticas entre Portugal e a novíssima República Popular da China, não obstante a existência de Macau e a permanência dos portugueses na condução política e administrativa dessa especial cidade-estado. O que seria o anunciado ano do apagamento da matriz portuguesa transformou-se no renascimento e na nova pujança de Macau, como nos diz Wu Zhiliang,⁵ num inimaginável contexto de liberdades cerceadas por totalitarismos. Poder-se-ia convocar Rabelais, curiosamente mais ou

menos contemporâneo da fundação de Macau, quando imaginou a Abadia de Têllème cuja única regra rezava assim, “faz o que quiseres”, para enquadrar os segredos dessa mesma sobrevivência. Benjamim Videira Pires sempre defendeu que

“não podemos, nem nos interessa, gloriar-nos de nos termos apoderado, por meio da violência de armas de guerra, da península e ilhas de Macau – aliás, pérola diminuta, no colar de inúmeras outras ilhas do delta do Si-Kiang (rio do Ocidente) –, mas ufamamo-nos de a ter sabido adquirir e manter, com realismo, paciência, coragem e dignidade, através e para além de cataclismos de repercussão mundial, que submergiram nações e impérios à nossa volta. Com uma política de flexibilidade como a do bambu, que dobra mas não quebra, ou de estabilidade relativa como a do motociclo? Mas sem traições a Deus nem à Pátria, sem infringir a moral e o direito, sem percalços nem quedas fatais, ao bom jeito português”.⁶

Não se esquecia de evocar e contextualizar o legado científico, diplomático e de coragem dos jesuítas na história de Macau,

“só com o estabelecimento dos ‘Padres da Côrte’ no Tribunal das Matemáticas, em Pequim, no primeiro quartel do século XVII, os Portugueses conseguiram os protectores

necessários para estabilizar suficientemente a situação de Macau”.⁷

O ciclo de vivências que marcaram o Território, então visto como parte indissolúvel de um Portugal acomodado na China, nas décadas de 20⁸ e de 30 do século XX, foram descritas e relatadas, por exemplo, com apreciável realismo e pormenor por Maria do Céu Saraiva Jorge⁹ ou por Henrique de Senna Fernandes.¹⁰ Os valores históricos e ideológicos de um Portugal imperial eram dogmas assumidos e difundidos com tranquilidade. Recorda Henrique de Senna Fernandes que Macau

“era também uma cidade muito devota. Os sinos das igrejas marcavam as horas, a começar pelas matinas, porque sobressaiam acima doutros sonidos. Antes da Guerra do Pacífico, as trindades eram respeitadas com muita unção. Ao badalar dos sinos àquela hora, a população católica persignava-se, parada, fosse em casa ou na rua, para rezar uma ave-maria e depois dizia ‘Boa Noite’ porque só então iniciava a noite. Depois do jantar, orava-se o terço, pais e filhos ajoelhados diante do altar, que tinha lugar proeminente em todas as casas. Só depois do terço os rapazes mais espigadotes podiam sair para a área da vizinhança, ficando quando muito até às dez e meia, porque depois disto eram considerados ‘meninos perdidos’. As moças, coitadinhas, só podiam andar sós até às trindades, porque para além desta hora, se não estivessem acompanhadas, eram consideradas, por sua vez, de ‘meninas perdidas’, pela má-língua. Além do aprendizado da cultura geral, ministrado no Liceu, no profícuo externato do Seminário de S. José e da Escola Comercial Pedro Nolasco para os mais pobres, a educação orientava-se para o culto de boas maneiras”.¹¹

Este singular pormenor, “o culto de boas maneiras”¹² fazia parte desse invisível pacto de entendimento entre portugueses e chineses, cultivando ainda as elites portuguesas um cantonense culto e elegante, bebido na aprendizagem com os melhores letrados. Inesperadamente, num breve tratado de culinária macaense, Maria Margarida Gomes registou o seguinte apontamento:

“Como o pessoal numa casa era numeroso e de proveniências variadas, passavam a vida a esmerar-se nos trabalhos de sala ou de cozinha. Por isso, muitos pratos e composições culinárias

atingiam um requinte artístico e a hospitalidade era estupenda e elogiada pelos próprios mandarins e outros visitantes ilustres. Um trato fino, sincero e cordial reinava entre todos. Se os ‘filhos de Macau’ e aqui radicados lamentam o desaparecimento das cozinheiras de outrora, mais deplorável ainda se torna o fim das maneiras fidalgas e da generosidade proverbiais dos nossos avós”.¹³

Como se nota, “o culto de boas maneiras” era uma questão realmente transversal a toda a sociedade, incluindo o ramo da doçaria e pastelaria: “Então não temos os Papos d’ Anjo e as Maminhas de Freira?! Nós chomá *Pão de Leite*, más decente!”¹⁴ Esse tempo marca o início do magistério cultural de Luís Gonzaga Gomes,¹⁵ cujas traduções para a língua portuguesa dos clássicos do confucionismo foram essenciais para a modelação das mentalidades e para a educação do gosto literário e dos valores.

Os terríveis anos da Segunda Guerra Mundial, na versão da Guerra do Pacífico, em Macau, estão descritos de uma forma soberba também por Henrique de Senna Fernandes em *A Noite Desceu em Dezembro*,¹⁶ sem esquecer o impressionante testemunho de António Andrade e Silva em *Eu Estive em Macau Durante a Guerra*¹⁷ ou o experimentado olhar de viajante e de repórter de guerra de Ferreira de Castro em *Macau e a China*.¹⁸ As inevitáveis mudanças sociais, outros intervenientes políticos e corporativos e a nova configuração política continental abalaram um pouco os alicerces da estrutura conservadora da então colónia portuguesa.

Em 1950, Benjamim Videira Pires, remata angustiadamente o poema “Macau”,¹⁹ da forma seguinte:

Senhora, do alto da Guia,
avistais o bom e o mau:
Na hora incerta que passa,
sede a Estrela de Macau!

É no quadro instável dos valores do pós-guerra, com uma visão cristã da vida, do homem e do mundo, sob o signo do personalismo, que Benjamim Videira Pires irá cumprir o desafio radical de pensar a identidade cultural de Macau, nos caminhos da sabedoria de uma história partilhada pelo Oriente e pelo Ocidente. Deixa, contudo, escapar esta observação enigmática,²⁰ “ultimamente, os estudos históricos tem sido cultivados com entusiasmo, embora nem sempre com rigor crítico

* Professor e Investigador. Doutorando em Filosofia (Universidade do Porto). Autor de diversos estudos sobre a história de Macau.

Secondary school teacher and researcher. Author of various studies on Macao History, he is currently preparing his Ph.D. in Philosophy at Oporto's University.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

e metódica investigação de arquivos europeus, por Marques Pereira, pai e filho, Montalto de Jesus, C. R. Boxer (indiscutivelmente o melhor), J. Maria Braga, L. Gonzaga Gomes e Pe. Manuel Teixeira”. Nesse mesmo ano de 1950, uma figura de referência na vida cultural de Macau, a jornalista e escritora Deolinda da Conceição, publicou um artigo matricial intitulado “Macau e os Macaenses”²¹ onde apresenta uma ontogénese dos valores que será assumida pela comunidade:

“As relações luso-chinesas nesta terra são uma tradição que deve envaidecer todos os portugueses, principalmente aqueles que aqui viram a luz do dia. Esta Macau gloriosa, que conta na sua história feitos heróicos que garantiram a presença de Portugal no Extremo Oriente, é pátria querida dos filhos de Portugal que aqui nasceram. Os macaenses são, sem dúvida, portugueses de lei, que continuam a tradição dos primeiros dos nossos maiores que aqui vieram trazer o facho da civilização ocidental, revelando aos povos que habitavam estas paragens a existência dum país distante que rasgou novos horizontes ao mundo, sulcando mares desconhecidos, com grande espanto das gentes: PORTUGAL!”

Asserções singelas e lógicas, que permitem legitimar uma visão transparente da história dos encontros e dos desencontros, menos teóricos e mais edificantes, contrariando algum alheamento generalizado. Mas, o macaense, observa Benjamim Videira Pires,

“é o tipo societário menos europeu, mas o mais específico e paciente dos portugueses. É o que vive mais longe de Lisboa e, todavia, o mais patriota; o que habita mais separado do espaço vocabular da saudade (Galiza e Norte de Portugal) e, contudo, o mais saudoso, porque o mais isolado. As solidões imensas dos oceanos, das planícies e viagens sem fim, o mistério da alma oriental, que o envolve, caldearam-lhe a alma”.²²

Para apertar um pouco mais os nós da rede de todos esses vínculos imateriais e ideológicos, a Imprensa Nacional, de Macau publica em 1961, numa edição trilingue (português, inglês e chinês) um importante discurso do Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar,²³ onde este acusa a União Indiana de querer “entregar Macau à China e o Timor português à República da Indonésia”. Para além de uma conspiração de silêncio existia efectivamente um silêncio ominoso

de um triunfalismo internacional que procurava rasurar a memória histórica da comunidade.

O esforço reflexivo para acolher a heterodoxia e os modos de acesso à felicidade num espaço marcado por imperativos éticos aparentemente sem limites, começa primeiramente pela assunção da relevância da poesia entendida como o território da desocultação e da transparência. Martin Heidegger,²⁴ dizia que “o homem não compreende a exigência interior que reside na essência da historicidade. Este compreender só é possível numa relação modificada com o tempo, numa experiência originária do tempo”. Nesta problemática, sobretudo ontológica, se movimentará desembaraçadamente o nosso autor. Para Benjamim Videira Pires, a

“poesia é uma experiência vital que nasce, por impulso espontâneo, na alma do artista. Não prescinde da inteligência nem do sentimento, mas ultrapassa-os. É um conhecimento de intuição e quietude, que ocorre, no centro da pessoa, e empolga o nosso eu mais profundo. É o contacto ou melhor a ‘co-presença do poeta com o acto existencial ou a última perfeição das coisas’ (Marcel de Corte), naquele ponto único e indefinível em que elas dependem da Beleza Infinita, o Criador. Por isso, o poeta lembra um místico ou um sonhador, que apenas fala, por símbolos, alusões e analogias, do seu mundo transfigurado e dos ‘campos de possibilidades’ que cria”.²⁵

Não há uma tradição política de feição colonial, ou de outra natureza, que silencie, amordace ou marginalize a cultura e a comunidade porque a sua força resulta de uma comunhão híbrida, uma terceira força emergente. Benjamim Videira Pires, aponta para a “transculturação, osmose contínua e sem datas, em corpo e alma, de tudo o que somos e temos, entre homens e povos que sabem conviver, com toda a abertura de espírito ecuménico, represente, melhor que os outros tipos culturais, a síntese vivencial que este pedaço de história luso-chinesa plasmou solidamente, num tempo e num espaço definidos. Temos, pois, duas culturas, seculares e opulentas – a portuguesa e a chinesa –, que se encontram e fundem, em transculturação criadora. Aqui, em Macau”.²⁶

O paradigma de Rabelais tinha, afinal, a força da liberdade. Por esse motivo Francisco Moreira das Neves²⁷ escreveu que Camilo Pessanha morreu “inchado de Oriente”.

Em 1939, a Universidade do Havai foi o palco da primeira grande conferência entre filósofos do Ocidente e do Oriente, percebendo-se então o enorme desconhecimento recíproco e a vontade firme de se estabelecerem pontes de entendimento entre estas tradições filosóficas e respectivas problemáticas. Era importante limpar visões antiquadas do mundo dos outros e anacronismos civilizacionais que eram armadilhas históricas e conceptuais das quais ninguém saía ileso. Supõe-se

“que a mente do Oriente não é tão egocêntrica como a do Ocidente. A cultura do Oriente tende para ser existencial, sem divisões artificiais e abstractas. A poesia, a pintura, a Cerimónia do Chá da escola budista Zen, os arranjos de flores, as plantas miniaturais, a ginástica respiratória, a arte marcial (*kong-fu*), etc., insistem na atitude vertical da mente (penetração do objecto, união com ele, esquecimento do eu, atenção nem ao passado nem ao futuro mas só ao momento presente). O pensamento Ocidental por outro lado, até ao existencialismo e à filosofia do real (Kierkegaard, Gabriel Marcel e outros), dum modo geral, preocupava-se com o ser essencial e silogístico e menosprezava a intuição e o misticismo”.²⁸

No poema “Barcarola”,²⁹ Benjamim Videira Pires, posiciona com clareza o seu pensamento e alguns dos conceitos com os quais trabalhou com maior ênfase dialéctica:

No Oriente nasce o sol,
que é vermelho e masculino.
A Europa da fé chegou,
no seu velame latino.

Casou co’o ‘Rio do Oeste’
o ‘Grande Mar do Ocidente’.
Macau marca a confluência
da Europa com o Oriente.

A identidade de sangues
forma a família comum.
As pessoas somos duas;
como povo, somos UM.

Dissecando melhor as suas ideias:
“Sem contradizer o sentido do Evangelho, Macau serve dois Senhores, Portugal e China, que

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

souberam conciliar as suas divergências naturais e encontrar-se no *meio-termo* ou regra de ouro da fraternidade entre os homens. É esta uma verdade, ao mesmo tempo, do Cristianismo e da sabedoria popular chinesa. Efectivamente, o Oriente (de Jesus, Buda, Confúcio, Lao-tsé, Ghandi e Rizal) é o viveiro do método da não-violência, do diálogo, da afinidade dos contrários, da harmonia entre a natureza (terra e firmamento) e o homem, para a resolução das relações e comportamentos individuais e sociais”.³⁰

Não sendo um inventário de fraquezas de uma estética naturalista ou de um relativismo cultural, aqui e além, um pouco eurocêntrico, é muito interessante cotejar esta ideia do filósofo espanhol José Ortega Y Gasset: “O caso é que, com rara coincidência, o mandarim confucionista sente um desdém pelo místico taoista, semelhante ao que o teólogo católico sente pela freira iluminada. Os partidários do reboliço em toda a ordem preferirão sempre a anarquia e a embriaguez dos místicos à clara e ordenada inteligência dos sacerdotes, isto é, da Igreja”.³¹ Mas, Benjamim Videira Pires, não deixa de referir com sentido de clarividência que a

“velha ética chinesa tem de ser, pois, contrabalançada ou completada com a ideia cristã da fraternidade entre os homens, sob os olhares amorosos do mesmo Pai comum que está nos Céus. Acima do quarto mandamento, está o primeiro: Amar a Deus sobre todas as coisas”.³² A reflexão teórica sistemática permite constatar

que já “chegou o tempo de os sábios católicos (e não só) explorarem sistematicamente a mina rica da sabedoria natural da vida nas culturas da China e doutras nações do Oriente, a fim de as ‘baptizarem’, como os nossos predecessores medievais fizeram às culturas da Grécia e de Roma”.³³

O desconstrucionismo de sabor derridiano irá ser revelado

“nos provérbios populares que melhor se revelam a sabedoria e a moral de um povo. Ora o falecido chantre António André Ngan demonstrou, numa compilação feliz, a concordância ideológica e até muitas vezes metafórica entre a maioria dos provérbios portugueses e chineses. Nunca sublinharemos demasiado a importância desta descoberta”.³⁴

Toda a cultura, diz-nos o filósofo Johannes Hessen, “é acto e criação do homem; é obra dos homens.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

Mas não é uma obra puramente exterior e acidental. A Cultura acha-se profundamente radicada no que há de mais íntimo no ser humano e tem por isso a mais alta significação para a compreensão desse ser, sua formação e desenvolvimento”.³⁵

Muito para além do lirismo patente no incisivo título, “Permanência”³⁶

E na efémera aparência
da cor e cheiro profundo,
eu vejo o que são os homens
e o que é a vida no mundo.

Nem tudo, porém, é noite.
Nem tudo morre e fenece.
Dia a dia, as flores mudam,
mas a jarra permanece.

Nesta cor, há outra cor;
Nesta jarra, há outra ideal:
Macau é a jarra da China,
com flores de Portugal.

Benjamim Videira Pires assume que os portugueses foram chamados a cumprir o destino de viverem e permanecerem em Macau. Para ajudarem a construir a representação da identidade de Macau. É uma tensão existencial onde o enriquecimento de ideias sobre a China vem pelos caminhos da verdade, entendida esta como *aletheia*, que os gregos antigos entendiam como a parte visível do saber das coisas. Ademais, nota que o

“elemento chinês representou, pois, sempre, o lastro e a carga mais considerável do barco do nosso humanismo, nestas paragens extremas do globo. Portugal deu forma democrático-cristã e direcção responsável à confluência dos interesses básicos do povo da “Cidade do Nome de Deus”. O Império da Grande Claridade acolheu, sem complexos e com extraordinário sentido pragmático, o hóspede que veio como “irmão de um dos quatro mares” e com ele partilhou a terra, a comida, a cultura, a riqueza e o próprio sangue, recebendo, em contrapartida, tudo quanto possuímos, sobretudo o Cristianismo e os demais valores culturais e tecnológicos da Europa. Sem subserviências, nem perda de identidade. De boa vontade.

Não só coexistimos, mas convivemos, em paz e amizade, enriquecendo-nos mutuamente, criando uma terceira cultura, fruto da junção das duas, no corpo e no espírito”.³⁷

É este o caminho da identidade cultural de Macau, da identidade de Macau que se transfigura numa sociedade invisível, no preciso termo que Daniel Innerarity lhe dá: “chamei sociedade invisível a esta realidade porque as sociedades complexas são aquelas em que não só há problemas de legibilidade como também uma intransparência irreductível”.³⁸ Essa terceira cultura é um símbolo das liberdades e, como nos diz Daniel Innerarity, a “construção mediática da realidade é hoje impulsionada por uma espécie de gerador da fascinação. Qualquer montagem cultural é um mercado da atenção e da celebridade”.³⁹ Um viajante ocasional, Ernesto Várzea (Balmaceda), tem a intuição de que “muito do que aqui acontece é difícil de compreender na Metrópole. Macau não vive sem os chineses que são a sua alma”.⁴⁰

Benjamim Videira Pires⁴¹ entoia uma espécie de canção saudosa do espaço, do tempo e sobretudo da memória,

Macau velhinha, a espalhar,
na história, sorriso e pranto....
Quando começa a murchar,
a rosa tem mais encanto.

De reter este estratégico e visível pormenor de construção ideológica:

“este excelente trabalho vem mostrar, no período de transição da entrega da soberania deste Território à China, a preocupação que, desde o início, sempre tiveram os Portugueses, em conhecerem bem o Império do Meio, a sua História longa e gloriosa, e em a tornarem conhecida do mundo”.⁴²

Pensador honesto, que analisa alguns acontecimentos aparentemente mínimos com uma visão espiritual da vida, não se coibiu de registar⁴³ que o “actual Governo do Povo expulsou os missionários portugueses, restando lá três jesuítas e oito seculares chineses”, ou de fazer menção ao problema do Tibete, “desde meados de Março de 1959, principalmente, entrou na actualidade do noticiário político internacional, a nação mais afastada e desconhecida da civilização, o TIBET. A República Popular da China invadiu, então, esse

país e expulsou dele o seu Chefe, o Dalai Lama, que se refugiou ao norte da União Indiana, na companhia de muitos milhares de súbditos seus”.⁴⁴ Meditando nos avatares da geopolítica regional

Benjamim Videira Pires escreve que

“era o assalto à China dos Manchus pelas potências ocidentais. Os portugueses tinham de deixar passar essa vaga altaneira e, em resposta, a ressaca dos nacionalismos da mesma China e do Japão. De 1942-1945, sob a ocupação japonesa, só no Tonquim, morreram 2 milhões de vietnamitas de fome e de tifo. Em 1954, os comunistas de Hó Chi-minh arrebatam o antigo Tonquim à França. Apesar do poderio formidável da América do Norte, todo o Vietname cai sob o jugo comunista, em 1975.

Contudo, no meio dessas convulsões gigantescas, conservamos intacta Macau, a Cidade do Nome de Deus.

Até hoje”.⁴⁵

É do lugar privilegiado de Macau que parte à descoberta das presenças de Portugal na Ásia, procurando surpreender os vários matizes da identidade portuguesa localizada, isto é, no Sri Lanka, na Birmânia, no Camboja, na Tailândia, na Indonésia, em Malaca, no Vietname e Laos, nas Filipinas e no Japão, seguindo a metodologia seguinte:

“Três preocupações nos dominaram, na composição e ordenação dos materiais:

- 1.^a – marcar a identidade peculiar de cada nação, com uma síntese da sua história política e cultural;
- 2.^a – examinar o papel dos Portugueses, civis e missionários, nesse ambiente estranho;
- 3.^a – especificar as principais relíquias ou monumentos da presença lusitana, ainda actual, nesses países distantes. À meticulosa e fria compilação de factos, historicamente comprovados pelas fontes e documentos que citamos, teve de seguir-se a interpretação e vivificação dos mesmos, num harmonioso resumo do que é essencial e permanente”.⁴⁶

Sem esquecer a Índia, onde “a conversão das ilhas de Goa, com Bardês (Chorão e Divar) e Salsete (Rachol e Margão), ao Catolicismo, no século XVI, foi uma das maiores empresas da Companhia de Jesus, em todo o mundo, comparável à do Brasil e Reduções do Paraguai, na América do Sul, e à do Japão e das Filipinas, esta

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

última pelos Cónegos Regrantos de Santo Agostinho (Frei Andrés de Urdaneta e companheiros). Além do esforço diário dos missionários das localidades, que operavam evangelicamente dois a dois, os Jesuítas em estudo e os alunos do Colégio de S. Paulo juntavam-se-lhes, nos dias feriados (todas as quintas-feiras e domingos), ensinando catequese e cânticos religiosos”.⁴⁷

Olha para Macau, num contexto analítico, como a “aldeia grande que era “Ou-Mun Kai” (Rua de Macau) – como os cantoneses chamavam a esta Cidade, ainda há 40 anos – transformou-se (para bem ou para mal?) numa miniatura de Manhattan. A febre de construções e o camartelo do progresso material, sem grande unidade de conjunto, conseguiram que desaparecessem as chácaras, hortas e quintais, com figueiras, vinhas e romázeiras, donde soava o toque de alvorada desses guardas [galos] desvelados da noite”.⁴⁸

O autor enumera as seis características do temperamento português, pontuadas por algumas sábias reticências, que no seu entender contribuíram para edificar e consolidar a identidade cultural de Macau. Este pensamento é um pouco tributário da formulação de Teixeira de Pascoas, originariamente publicada em 1915: “Não podemos amar o que ignoramos. Impõe-se, portanto, o conhecimento da alma pátria, nos seus caracteres essenciais”.⁴⁹ Aponta a primeira característica, a “grande tónica da nossa psicologia colectiva parece ser a *paradoxal* ou mística. Centra-se em volta do binómio passividade-acção. Vivemos, antes de filosofar; existimos, antes de nos darmos conta disso; falamos, como os barbeiros, antes de pensar. Daqui nasce um inconformismo congénito, um caminho de conhecer totalizante, que, no lusitano, é saudade e, no castelhano, quixotismo”.⁵⁰ A segunda característica, “temos um *pendor* aparentemente *anti-filosófico* [...] Leonardo Coimbra chama a Portugal ‘a terra mais anti-filosófica do planeta’, por outras palavras, essencialmente lírica”.⁵¹ A terceira característica, “somos como que um composto de Dionísio (ou Pan) e Cristo, dotados de *religiosidade e misticismo* mediatos, vinculados sobretudo à natureza e, enquanto tais, indicadores dum atávico paganismo, não de todo purificado”.⁵² A quarta característica, “há em nós uma tendência para o *sonho* e o *espírito de aventura*. Um aspecto é complementar do outro. Cada homem é um *homo-duplex*, com qualidades que parecem opostas, mas se completam”.⁵³ A quinta característica “é o *animismo* e a *comunhão com a natureza* [...] e por isso temos uma grande afinidade com o Taoísmo. Lao Tsé, sobretudo

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

o *Tao Te Ching*, mostra claras influências dos livros sapienciais e místicos dos Judeus”.⁵⁴ A sexta e última característica, “no português, é maior do que no comum dos homens a *dimensão amorosa*, a capacidade do amor-ausência, do amor-inquietação, do amor-morte (*“muero porque no muero”*), a fim de estar sempre com o Amor, como Sta. Teresa de Jesus, que tinha sangue judeu), do amor saudoso”.⁵⁵ Macau é tudo isto e muito mais, dizível e indizível, amplificante e recitado. António Manuel Couto Viana, ao olhar para Lam Sang, o empregado de mesa, diz que “parece ter mil anos de civilização”,⁵⁶ mitificando esses pujantes mecanismos identitários de que Macau era pródigo.

Num importante ensaio antropológico, *Portugalbum: 55 Quadros para Conhecer Portugal e o seu Povo*,⁵⁷ o seu autor, Luís Sá Cunha, teve o cuidado de escrever que a “seguinte colecção de notas, disparadas da caneta e quase sem o amparo de consultas, foi resposta repentina à chamada de ‘explicar’ Portugal, o seu Povo e Cultura e História, à população chinesa de Macau”.⁵⁸ Era evidente a necessidade de se jogar na política da alteridade e do reconhecimento do Outro, porque o Outro estava em contínuo devir, apresentando-lhe algumas das características essenciais da arte de ser português em Macau. Esses novos habitantes, inquilinos de um espaço geantropológico antigo, provavelmente dotados de uma acurada sensibilidade ideológica necessitavam de conhecer o projecto antropológico português e, ainda, como enfatizou Austin Coates, para estarem cientes de que “não obstante o ferveroso anticolonialismo revolucionário que avassalou Portugal continental, Lisboa foi informada ser desejo expresso da China que Macau se mantivesse como estava. Assim, a única medida tomada consistiu na retirada das tropas, que deixaram a cidade tão indefesa como nos seus primórdios e, no que se refere ao seu relacionamento com a China, em situação de quase exacto paralelismo com a vivida nos primeiros anos da sua existência”.⁵⁹ A identidade cultural de Macau sempre passou por uma situação de fragilidade, persistentemente trabalhada por valores neoconfucianos, budistas, cristãos e latinos, sobrevivendo a diversos ciclos económicos, orientações diplomáticas e inflexões políticas pelo que a observação de Wenceslau de Moraes, “a China, se não fossem a Europa e a América a importuná-la, era o país mais feliz do mundo”,⁶⁰ fazia todo o sentido.

Benjamim Videira Pires pesquisou na história de Macau esses traços mais relevantes da identidade cultural de matriz portuguesa, mobilizando uma

consistente base de conhecimentos para colocar ao serviço das comunidades. Também aí o seu contributo foi relevante. **RC**

ANEXO

FORÇA E RAZÃO⁶¹

Os bambus da nossa vila,
leves como o pensamento,
inclinam-se mas não quebram,
por forte que seja o vento.

Vigiam, como soldados,
o reino da natureza.
Maleáveis e delgados,
são a força da fraqueza.

Altos, porém, como um sonho,
e firmes, como um reduto,
os bambus da nossa vila
não produzem flor nem fruto.

Sobre a inconstância das canas,
as aves não fazem ninho.
Não vejo a razão de ser
do nosso bambual maninho.

As aparências iludem.
A essência fica escondida.
Os equilíbrios instáveis
são a constante da vida.

Conhece os próprios limites
o bambual que se inclina:
Macau serve a dois senhores,
que são Portugal e a China.

Na unidade da pessoa,
dá-se a alternância da acção.
Vitória é a convergência
da força com a razão.

Macau (Vila Flor), 21 de Junho de 1975.

NOTAS

- Edição do Instituto Cultural de Macau, 1987, [reedição fac-similada da obra com o mesmo título editada pela Imprensa Nacional de Macau, 1973], pp. 90-95. Vicissitudes várias não permitiram actualizar o seu perfil bibliográfico, sinalizar as fontes e identificar a amplidão dos seus escritos. Foi uma oportunidade perdida a muito modesta edição do catálogo *Benjamim Videira Pires, S. J. Mostra Bibliográfica por Altura da Exposição ‘Os Jesuítas na Ásia’*, publicação bilingue, português-chinês. Com o auxílio do Autor, teria sido possível empreender o rastreio exaustivo dos seus escritos, incluindo aqueles assinados sob pseudónimo, alguns de doutrina política aquando da fundação da Associação de Defesa dos Interesses dos Macaenses (ADIM), no *Jornal Confluência* ou no *Jornal de Macau*.
- Natural de Torre de Dona Chama, em Mirandela, onde nasceu no dia 30 de Outubro de 1916. Estudou no Seminário da Costa em Guimarães, no Mosteiro Beneditino de Alpendurada, na Faculdade de Filosofia de Braga e na Faculdade de Teologia de Cartuja em Granada, Espanha. Em 1945 foi ordenado sacerdote, radicando-se em Macau a partir de 1949. Em Macau, fundou o Instituto D. Melchior Carneiro. Regressou definitivamente a Portugal em 1998, tendo falecido em 1999. Um testemunho emotivo pode ser encontrado em P. Francisco Videira Pires, *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*.
- Pregai o Evangelho: 2 Séries de Homilias para todos os Domingos e Festas do Ano*. Na introdução pode ler-se: “a maioria destas homilias foram, na sua primeira redacção, publicadas na revista semanal católica *Religião e Pátria*, de Macau, durante os anos de 1954 a 1957”. Nesta revista, que fundou e dirigiu, podemos encontrar uma importante parcela do seu pensamento religioso.
- António Aresta, “Benjamim Videira Pires, S. J., um educador português em Macau”, *Administração - Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 45, 1999, pp. 699-709; António Aresta, “Benjamim Videira Pires, S. J., um educador português em Macau”, *Brigantia*, Vol. XX, n.º 1-2, Janeiro-Junho, 2000, pp. 53-62; António Aresta, *Figuras de Jade. Os Portugueses no Extremo Oriente*, pp. 23-25.
- Wu Zhiliang, *Segredos da Sobrevida. História Política de Macau*.
- Benjamim Videira Pires, *Os Extremos Conciliam-se (Transculturação em Macau)*, p. 7.
- Benjamim Videira Pires, Prefácio a *Primeira Embaixada Europeia à China*, de Armando Cortesão, p. 15.
- Manuel da Silva Mendes, *Nova Colectânea de Artigos de Manuel da Silva Mendes*, organização de Luís Gonzaga Gomes, é uma referência incontornável sobre o modo de pensar Macau nas primeiras décadas do século xx.
- Maria do Céu Saraiva Jorge, *Macau que Eu Conheci. Anos 20 e 30*. Maria do Céu Saraiva Jorge, natural de Macau, foi professora no Liceu Pedro Nunes, em Lisboa, pedagoga e orientadora de estágio, deixou vasta obra publicada, sendo uma referência na tradução e no estudo da obra de Shakespeare.
- “Macau de Ontem”, conferência pronunciada em 30 de Novembro de 1983 e publicada no volume sob o título *Presença Portuguesa no Extremo Oriente*, pp. 5-20.
- Ibidem*, p. 11.
- Veja-se, por exemplo, as *Doutrinas Confucianas: Livro de Ensino sobre as Boas Maneiras*. Outras leituras, para difundirem os mesmos valores e induzirem idênticos comportamentos, a título de exemplo: Silvana Gomes, *Contos Chineses* (Lisboa: Ed. Gleba, 1944); Maria Gleit, *Uma Chinesinha*, (Porto: Livraria Civilização Editora, 1962). O estudo de Huang Hongzhao, “A Formação da Identidade Cultural de Macau” (*Administração - Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 33, 1996, pp. 685-699) é de referência obrigatória porque nos apresenta a cosmovisão chinesa e as respectivas fontes.
- Maria Margarida Gomes, *A Cozinha Macaense*, pp. 6-7.
- Ibidem*, p. 12.
- As Quatro Obras [Discursos e Diálogos; Suprema Educação; Meio Constante; Mêncio]*, tradução de Luís Gonzaga Gomes, Separata da Revista *Renascimento*.
- Edição do Instituto Cultural do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, 2015.
- Co-edição do Instituto Cultural de Macau/Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1991, prefácio do Pe. Manuel Teixeira.
- Reeditado pela Câmara Municipal das Ilhas em 1998, com tradução para a língua chinesa.
- Citado em Carlos Pinto Santos e Orlando Neves, *De Longe à China. Macau na Historiografia e na Literatura Portuguesas*, Tomo IV, p. 1393.
- Benjamim Videira Pires, “Macau”, *Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 12, p. 864.
- Jornal Notícias de Macau*, de 25.06.1950, p. 7.
- Benjamim Videira Pires, *Os Extremos Conciliam-se (Transculturação em Macau)*, p. 214.
- Portugal e a Campanha Anticolonialista*, p. 20. Discurso pronunciado na sessão da Assembleia Nacional de 30 de Novembro de 1960.
- Martin Heidegger, *Lógica. A Pergunta pela Essência da Linguagem*, p. 199.
- Benjamim Videira Pires, Prefácio a *Macau Vista por Dentro*, de J. J. Monteiro (Macau: Direcção dos Serviços de Turismo, 1983), p. 5.
- Benjamim Videira Pires, *Os Extremos Conciliam-se*, p. 9.
- Francisco Moreira das Neves, *Inquietação e Presença. Miguel Sá e Melo e o Movimento Modernista*, p. 212.
- Benjamim Videira Pires, *Os Extremos Conciliam-se*, pp. 77-78.
- Benjamim Videira Pires, *Espelho do Mar*, p. 9.
- Benjamim Videira Pires, *Os Extremos Conciliam-se*, p. 8.
- José Ortega y Gasset, *O Que é a Filosofia?*, p. 84.
- Benjamim Videira Pires, *Os Extremos Conciliam-se*, p. 52.
- Ibidem*, p. 65.
- Ibidem*, p. 74.
- Johannes Hessen, *Filosofia dos Valores*, p. 246.
- Benjamim Videira Pires, *Espelho do Mar*, p. 13.
- Benjamim Videira Pires, *Os Extremos Conciliam-se*, p. 8.
- Daniel Innerarity, *A Sociedade Invisível*, pp. 11-12.
- Ibidem*, p. 135.
- Ernesto Várzea (Balmaceda), *Oriente. Caminhos do Mundo Português*, p. 132.
- Benjamim Videira Pires, *Espelho do Mar*, p. 44.
- Benjamim Videira Pires, Prefácio a *Em Demanda do Cataio*, de Eduardo Brazão (Macau: Instituto Cultural de Macau, 1989), p. 8.
- Benjamim Videira Pires, “China”, *Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 5, pp. 297-299.
- Benjamim Videira Pires, *Portugal no Tecto do Mundo*, p. 5.
- Benjamim Videira Pires, “A Diplomacia de D. João V no Extremo Oriente”, *Revista de Cultura*, n.º 11/12, Jul./Dez. 1990, Macau, p. 17.
- Benjamim Videira Pires, *Taprobana e Mais Além... Presenças de Portugal na Ásia*, p. 14.
- Benjamim Videira Pires, *D. Maria de Além-Mar: Um Mês pela Índia Portuguesa*, p. 134.
- Benjamim Videira Pires, *Os Extremos Conciliam-se*, p. 85.
- Teixeira de Pascoas, *Arte de Ser Português*, p. 64.
- Benjamim Videira Pires, *Os Extremos Conciliam-se*, p. 85.
- Ibidem*.
- Ibidem*.
- Ibidem*.
- Ibidem*, p. 86.
- Ibidem*, p. 86.
- António Manuel Couto Viana, *No Oriente do Oriente*, p. 76.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

57 Co-edição bilingue do Instituto Cultural de Macau/Direcção dos Serviços de Educação de Macau, 2.ª ed. [50 000 exemplares], 1990. Páginas não numeradas. No prefácio, o então Presidente do Instituto Cultural de Macau, Carlos Marreiros, anuncia a futura publicação do “Chinalbum” e do “Albumacau”, o que, infelizmente, não foi concretizado.

BIBLIOGRAFIA

Aresta, António. “Benjamim Videira Pires, S. J., um educador português em Macau”, *Administração - Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 45, 1999, pp. 699-709.

—. “Benjamim Videira Pires, S. J., um educador português em Macau”, *Brigantia*, Vol. XX, n.º 1-2, Janeiro-Junho, 2000, pp. 53-62.

—. *Figuras de Jade. Os Portugueses no Extremo Oriente*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2014.

Benjamim Videira Pires, S. J. Mostra Bibliográfica por Altura da Exposição ‘Os Jesuítas na Ásia’. Catálogo. Macau: Biblioteca Central de Macau, 1992.

Castro, Ferreira de. *Macau e a China*. Macau: Câmara Municipal das Ilhas, 1998.

Coates, Austin. *Macau: Calçadas da História*. Lisboa: Gradiva/ Instituto Cultural de Macau, 1991.

Cunha, Luís Sá. *Portugal: 55 Quadros para Conhecer Portugal e o seu Povo*. Macau: Instituto Cultural de Macau/Direcção dos Serviços de Educação, 2.ª edição, 1990.

Doutrinas Confucianas: Livro de Ensino sobre as Boas Maneiras. Macau: Tipografia Mei Cheong, 1954.

Fernandes, Henrique de Senna. “Macau de Ontem”, in *Presença Portuguesa no Extremo Oriente*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1986.

—. *A Noite Desceu em Dezembro*. Macau: Instituto Cultural do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, 2015.

Gomes, Luís Gonzaga. *Bibliografia Macaense*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 2.ª ed., 1987.

—. *As Quatro Obras [Discursos e Diálogos; Suprema Educação; Meio Constante; Mêncio]*, tradução e apresentação. Separata da *Renascimento*. Macau: 1945.

Gomes, Maria Margarida. *A Cozinha Macaense*. Macau: Imprensa Nacional, 1984.

Heidegger, Martin. *Lógica. A Pergunta pela Essência da Linguagem*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

Hessen, Johannes. *Filosofia dos Valores*. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1980.

Hongzhao, Huang. “A Formação da Identidade Cultural de Macau”, *Administração - Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 33, 1996, pp. 685-699.

Innerarity, Daniel. *A Sociedade Invisível*. Lisboa: Teorema, 2009.

Jorge, Maria do Céu Saraiva. *Macau que Eu Conheci. Anos 20 e 30*. Prefácio de Marcelo Rebelo de Sousa. Lisboa: Edição da Autora, 2006.

Mendes, Manuel da Silva. *Nova Colectânea de Artigos de Manuel da Silva Mendes*, organização de Luís Gonzaga Gomes. Macau: Notícias de Macau, 1963-1964, 3 volumes.

Moraes, Wenceslau de. *Osoroshi*. Prefácio e notas de Álvaro Neves. Lisboa: Casa Ventura Abrantes Livraria Editora, 1933.

58 Idem, na página de Justificação.

59 Austin Coates, *Macau: Calçadas da História*, p. 163.

60 Wenceslau de Moraes, *Osoroshi*, p. 59.

61 Benjamim Videira Pires, *Espelho do Mar*, p. 11.

Neves, Francisco Moreira das. *Inquietação e Presença. Miguel Sá e Melo e o Movimento Modernista*. Leiria: Edições Juventude, 1942.

Ortega y Gasset, José. *O Que é a Filosofia?* Lisboa: Biblioteca de Editores Independentes, 2007.

Pascoaes, Teixeira de. *Arte de Ser Português*. Lisboa: Roger Delraux, 1978.

Pires, S. J., Benjamim Videira. “China”, *Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 5, pp. 297-299. Lisboa: Verbo, 1967.

—. *D. Maria de Além-Mar: Um Mês pela Índia Portuguesa*. Macau: Apostolado da Oração, 1995.

—. “A Diplomacia de D. João V no Extremo Oriente”, *Revista de Cultura*, n.º 11/12, Jul./ Dez. de 1990, Macau, pp. 5-18.

—. *Espelho do Mar*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1986.

—. *Os Extremos Conciliam-se (Transculturização em Macau)*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988.

—. “Macau”, *Verbo - Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 12, pp. 863-867. Verbo: Lisboa, 1971.

—. *Portugal no Tecto do Mundo*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988.

—. Prefácio a *Macau Vista por Dentro*, de J. J. Monteiro. Macau: Direcção dos Serviços de Turismo, 1983.

—. Prefácio a *Em Demanda do Cataio*, de Eduardo Brazão. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1989.

—. Prefácio a *Primeira Embaixada Europeia à China*, de Armando Cortesão. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1990.

—. *Pregai o Evangelho: 2 Séries de Homilias para todos os Domingos e Festas do Ano*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1963.

—. *Taprobana e Mais Além... Presenças de Portugal na Ásia*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1995.

Pires, Francisco Videira. *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2011.

Salazar, António de Oliveira. *Portugal e a Campanha Anticolonialista*. Macau: Imprensa Nacional, 1961. Edição trilingue, português, chinês e inglês.

Santos, Carlos Pinto e Neves, Orlando. *De Longe à China. Macau na Historiografia e na Literatura Portuguesas*, Tomo IV. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1996.

Silva, António Andrade e. *Eu Estive em Macau durante a Guerra*. Macau: Instituto Cultural de Macau/Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1991.

Várzea, (Balmaceda), Ernesto. *Oriente. Caminhos do Mundo Português*. Porto: Edição do Autor, 1954.

Viana, António Manuel Couto. *No Oriente do Oriente*. Macau: Edição do Autor, 1987.

Zhiliang, Wu. *Segredos da Sobrevivência. História Política de Macau*. Macau: Associação de Educação de Adultos de Macau, 1999.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM



A Miscigenação de Benjamim Videira Pires

ANA CRISTINA ALVES*

A MISCIGENAÇÃO DE PORTUGAL E DA CHINA EM VIDEIRA PIRES

Vida, Odisseia de dor!
As tensões que nos consomem
Só se nivelam no Amor¹

A que tipo de amor se refere o Pe. Benjamim Videira Pires? Ao divino, como mostra a palavra em destaque de caixa alta, que é apresentado com pormenor na estrofe seguinte:

Encheu a Terra e os Céus
o Espírito do Senhor.
As criaturas são símbolos;
A Realidade é o Amor²

* Licenciatura, mestrado e doutoramento em Filosofia, este último, em 2005, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Trabalhou em Macau no Instituto Politécnico de Macau e na Universidade de Macau como professora de Português Língua Estrangeira, de Cultura, Filosofia e de Tradução Chinês-Português. Tem várias obras publicadas nos campos da Filosofia, Tradução e Língua e Cultura Chinesa

Degree, M.A. and Ph.D. in Philosophy, the latter in 2005 from Lisbon University's Faculty of Arts. She worked in Polytechnic Institute of Macao and in The University of Macao as teacher of Portuguese as Foreign Language, Culture, Philosophy and Chinese-Portuguese Translation. She published works in the field of Philosophy of Culture, Chinese Translation and Language.

O Amor de Deus permite conciliar as criaturas, pessoas e povos, todos incompletos, encontrando o seu sentido na relação com os seres que os rodeiam e também no seu interior num diálogo com o divino.

A miscigenação e a harmonia nascem do jogo complementar estabelecido entre opostos que reenviam para o par primordial: o *yin* feminino e o *yang* masculino, onde se joga a conciliação de opostos, como Benjamim Videira Pires bem frisou na obra *Os Extremos Conciliam-se*.

Esta ideia directriz do seu pensamento revela uma forte influência oriental, o que não é de estranhar para quem viveu cinquenta anos em Macau e foi o mais distinto sinólogo do século xx.

Os que entram em contacto profundo com a cultura chinesa começam a ver o mundo de outro modo, mais sexualizado do ponto de vista teórico, como num jogo de opostos comandados pelos princípios feminino e masculino. Os seres concretos, do ponto de vista antropológico, as pessoas, são representantes dessas mesmas forças actuantes e os povos não escapam a esta regra.

É, então, natural que encontremos este esquema mental em *Os Extremos Conciliam-se*. Os portugueses são apresentados como os representantes do princípio masculino ocidental e os chineses do feminino oriental.